


Adriele Braz Ponçada

MOYTĂXÓ'WĂY APEKÔY'TXÊ UG IÔP KOXUK TXÓP KIOIĂ TSAĒHÚ UPĂ PATAXI
TXÓ HĂHĂWRÉ URAUNA'HĂ MAKIAME

PINTURAS CORPORAIS E OS GRAFISMOS DOS OBJETOS ARTESANAIS DAS
ALDEIAS DO TERRITÓRIO BARRA VELHA

BELO HORIZONTE
2018

A woman with long dark hair is wearing a large, circular headdress made of many colorful feathers in shades of blue, green, yellow, and red. She has red body paint around her eyes and black body paint on her cheeks and chin. She is wearing a yellow beaded necklace and a yellow and black beaded sash. The background is a grassy field with trees in the distance.

Adriele Braz Ponçada

**MOYTAXÓ'WĀY APEKÔY'TXÊ UG IÕP KOXUK TXÓP KIOIÁ TSAËHÛ UPÂ PATAXI
TXÓ HÃHÃWRÉ URAUNA'HÁ MAKIAME**

**PINTURAS CORPORAIS E OS GRAFISMOS DOS OBJETOS ARTESANAIS DAS
ALDEIAS DO TERRITÓRIO BARRA VELHA**

Percurso acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Matemática, pelo Curso de Formação Intercultura de Educadores Indígenas FIEI/FAE/UFMG.

Orientador: Profa. Dra. Maria Manuela David

Belo Horizonte 2018

Percurso acadêmico intitulado **MOYTĂXÓ'WĂY APEKÔY'TXÊ UG IÕP KOXUK TXÓP KIOIĂ TSAËHÚ UPĂ PATAXI TXÓ HĂHĂWRÉ URAUNA'HÁ MAKIAME: PINTURAS CORPORAIS E OS GRAFISMOS DOS OBJETOS ARTESANAIS DAS ALDEIAS DO TERRITÓRIO BARRA VELHA**, de autoria de Adriele Braz Ponçada, para ser avaliado pela banca examinadora constituída pelos seguintes integrantes:

Professora Dra. Maria Manuela David - Orientadora
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Edimarcos Ponçada Santana
Pataxó da Aldeia Boca da Mata

Professora Dra. Maria Cristina Costa Ferreira
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

RESUMO

O objetivo deste trabalho é contribuir para a valorização da diversidade dos grafismos e para a compreensão de sua importância para o fortalecimento cultural do povo Pataxó do território Barra Velha, particularmente da Aldeia Boa da Mata e Barra Velha. Para a realização do trabalho foram feitas duas entrevistas com professores e lideranças, observações e fotografias de um conjunto de grafismos encontrados nessas aldeias. Os dados desse modo coletados foram organizados em um catálogo de fotos em que abordo a simbologia das pinturas corporais de ambos os sexos e os grafismos dos artesanatos. Dessa forma foi possível compreender e comparar a diversidade das pinturas corporais e dos objetos artesanais analisando os significados que eles carregam em cada caso. Na intenção de compreender essas pinturas, foi possível perceber que, apesar das diferenças observadas nos grafismos das pinturas corporais e dos artesanatos, ambos carregam uma afirmação cultural para o povo Pataxó. O catálogo de fotos, assim produzido, constitui-se como importante material didático e de pesquisa para a educação escolar indígena de forma a valorizar a diversidade das pinturas corporais e compreensão do quanto são importantes para o fortalecimento cultural do nosso povo.

Palavra-chave: Pinturas corporais Pataxó, grafismos nos artesanatos, Barra Velha, Boca da Mata.

Iõ dxá'á tokerê hu uimonē akoêg

.Mê'á jirap dxá'á iē iktôy upâ hunitxi txóp moytãxö'wãy ug dxahá iõ kuãhi ug taypak nuhâtê pakhêtxê txó hãhãhãe Pataxó txó ahã Urauna'á Makiame ,nitxukê upâ pataxi Āgtay upú Ībá ug Urauna'á Makiame .Dxahá iē patxitxáirá txó akuêg môg'ã patxitxá krokxi kôpokixay hū ipakâyép ug akâiéatê ,pinapõ'txê ug uxetey .Iõp kuãhi iēha udxêré'txê ,môg'ã patxitxá'ã uxé nioniamã txãgrú upú uxetey uxé dxá'á areneá'xó iõ dxá'á tokerê areneá txiniá moytãxö'wãy apekôy'irá txóp kitok ug kitokihé ug iõp moytãxö'wãy txóp hamixomá .Iēhã okehôy aniomã ug dxê iē hunitxi upâ moytãxö'wãy apekôy'txê ug upâ kioiã txaēhú pinapõ'txê iõp kuã dxá'á topehêp paxaká'xó uxé txiniá txãg'ró .Uī tokerê kuã ahmonē moytãxö'wãy ,iēhã okehôy dxê dxá'á ,hu iēp txãgrú pinapõ ,pãx koxuk upâ moytãxö'wãy apekôy ug txóp hãmixomá ,hotxomãp paxaká hãtö nuhâtê dxahá iõ hãhãhãe Pataxó .Iõ txag'ró upu koxuk iēhã patxitxáã ,mê'á ahõhê nioniemã nioktoyná kuã dxahá arupãb kijêtxawê txihihãe upú ahõhê iktôy're iē hūnitxi upâ moytãxö'wãy apekôy ug kuã txó apiak mê'á nomayso dxahá iõ nuhâtê'txê pakhêtxê

.Pukuixê kohtú : Moytãxö`wãy apekôyré ,koxuk uīp hãmixomã ,Urauna'há Makiame ,Āgtay upú Ībá

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Niamisu por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Gratidão a todos que me ajudaram e contribuíram a realização deste trabalho. A minha etnia Pataxó por ter essa riqueza em sua cultura, aos pesquisadores que seus trabalhos serviram de fonte de estudo, a minha Aldeia Pataxó Boca da Mata, aos meus entrevistados José Raimundo, Romário Pataxó, Txaywã Pataxó as lideranças Pataxó pela luta contínua por uma educação escolar indígena diferenciada e plurilíngue.

A minha orientadora gratidão Maria Manuela David, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos que me permitiu ver uma capacidade maior do que eu imaginava, e a minha professora Vanessa Thomaz que sempre com sua compreensão e preocupação depositava uma confiança e ao tempo sendo exigente, a minha amiga Yomaní Pataxó gratidão por ter contribuído para a conclusão deste trabalho com suas conversas.

Por fim a minha família, meus pais Jovino Ponçada, Elena Braz, aos meus irmãos Elivelton, Andreia, Elismárcia, Rigazonia, Amaranta, Ebert, Ilza Kekilis, Rilbert, Arissana, meu cunhado Agnaldo, minhas avós Noeme Braz e Antônia Braz, aos meus queridos sobrinhos Yan e Kuãhy pelo amor, incentivo e apoio incondicional durante está caminhada. Quero agradecer ao meu namorado Gilzimar Silva pelo amor, carinho e companheirismo de ambos, durante esse tempo que passamos juntos na universidade.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1- Introdução | 7 |
| 2- Objetivos | 10 |
| 2.1- Objetivo geral | 10 |
| 2.2- Objetivos específicos | 10 |
| 3- Metodologia | 10 |
| 4- História das aldeias Pataxó na Bahia | 12 |
| 4.1- O povo Pataxó da aldeia Boca da Mata | 15 |
| 5- Pinturas e sua importância para o povo Pataxó | 17 |
| 5.1- A Pintura Corporal Pataxó | 18 |
| 5.2- As pinturas Pataxó em outros objetos | 37 |
| 6- Conclusão | 49 |
| Referências..... | 52 |

1 INTRODUÇÃO

Sou Adriele Braz e pertenço à etnia Pataxó. Nasci na aldeia Pataxó Boca da Mata, na cidade de Porto Seguro, no estado da Bahia. Aos meus 3 anos comecei a estudar na Escola Indígena Pataxó de Boca da Mata, com professor não indígena. Quando criança minha obrigação era ir para a escola e só brincava nos horários que não estava estudando. Sempre tive um bom desenvolvimento na escola, aos meus 9 anos estava já concluindo a 4ª.série. Foi nesse período que tive a primeira aula de cultura, o professor era da aldeia e ele nos ensinava as saudações da língua e também fazia pinturas em nosso corpo, isso em 2006. Com 14 anos comecei a estudar no Ensino Médio. Nessa idade estudava nos dois períodos, vespertino e noturno, em regime de alternância, estudávamos três semanas ao mês e folgávamos uma semana, com atividades em casa. Com essa idade já pensava em cursar a universidade, e em 2013, no 3º ano, fiz a disciplina de arte indígena com a professora Arissana. Foram aulas interessantes, em que estudávamos como produzir alguns artesanatos e tintas da nossa aldeia, e conhecemos sobre o contexto de outros povos do Norte e sobre as artes produzidas por eles.

Portanto foi na disciplina de arte indígena onde pela primeira vez escutei a palavra **grafismo** que aparecia no livro que a professora levou para aula, onde se descreviam pinturas em tecidos. Nesse dia, eu junto com meus colegas e a professora Arissana, mestre em artes plásticas, estudamos sobre a cultura kaxinawa, como as mulheres faziam as pinturas corporais e na tecelagem, e nesse contexto fomos comentando os traços das pinturas kaxinawa e falamos de outros povos. A partir desse momento despertou meu interesse sobre essa palavra **grafismos**, que concluí que é o mesmo que **pinturas** indígenas, e percebi a sua importância para definir um povo.

Em 2013 a minha turma pintou junto com a professora Arissana Pataxó os pilares da escola usando grafismos pataxó. Nessa época continuou o meu interesse sobre grafismos, mas aprendi pouco em relação isto. No ano seguinte, o professor Patxyó, conhecido também como José Raimundo, uma liderança, deu continuidade a esse trabalho com os alunos com as pinturas dos pilares e paredes da escola.

Entretanto aconteceu o vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), eu me inscrevi já que estava concluindo o ensino médio e, para a minha alegria, consegui ser aprovada. A minha entrada na universidade mudou a minha vida. Me trouxe uma oportunidade para pesquisar algo que eu já tinha em mente, o meu ser indígena me chamou com força para a minha cultura e o seu fortalecimento, particularmente para a importância da minha identidade indígena. Foi quando eu percebi que essa era a minha oportunidade de pesquisar sobre os grafismos (ou pinturas) e conhecer mais e, sobretudo, queria ter o dom de pintar, de fazer as pinturas corporais. Pedi a meu Niamisu (Deus) e aos Não Xohã (espíritos guerreiros) que me concedessem o dom de pintar, de fazer as pinturas, ou as moytãxó'wã, como chamamos as pinturas. Comecei a desenhar traços em meu rosto, pernas, braços e passei a pintar minhas irmãs, criei até uma pintura para as pernas, e ao longo do tempo busquei me aperfeiçoar, porém em apenas traços encontrados no rosto e braço tanto feminino quanto masculino.

Passei também a refletir sobre várias questões no contexto moytãxó'wã. Por observar a grande diversidade de pinturas corporais e saber que em objetos artesanais se usam também algumas pinturas, me veio a dúvida: as pinturas desenhadas no corpo são as mesmas utilizadas nos objetos artesanais? Podemos encontrar alguma matemática nessas pinturas? É importante entender quais são os traços da pintura Pataxó que são utilizados nas pinturas corporais e objetos artesanais? Como são feitos? Quais são os suportes? Quais são os materiais usados na produção dessas pinturas? Quais cores são encontradas nas pinturas? Os traços utilizados nas pinturas corporais e objetos artesanais são os mesmos ou diferentes? Qual a simbologia que eles levam no corpo e nos artesanatos Pataxó?

Assim, resolvi descrever e comparar as pinturas corporais com as pinturas nos objetos artesanais. O meu trabalho não é o primeiro a pesquisar sobre pinturas corporais Pataxó, temos outros trabalhos, como o de Conceição e Nascimento (2016), intitulado "Pintura Corporal Pataxó de Barra Velha". Nesse trabalho, eles têm como objetivo falar sobre a pintura corporal, o significado das pinturas corporais diversas, de acordo com o gênero e faixa etária, relatando a importância para a identidade do povo Pataxó. E também temos o trabalho de Santana e Guimarães (2016), intitulado "MOYTÃXÖ'AWÃY Pintura

Corporal e Identidade Pataxó”. Neste trabalho de pesquisa há três capítulos abordando o histórico do povo pataxó, desde o massacre de 1951, na aldeia mãe Barra Velha. Segundo os autores, com isso veio o adormecimento da nossa identidade, das nossas pinturas e do nosso jeito de ser indígena Pataxó, por que fomos perseguidos sofremos preconceito e violência. Neste trabalho eles afirmam que a revitalização da nossa cultura foi fundamental para nós indígenas em todos os aspectos, e descrevem as formas encontradas nas pinturas corporais, que são inspirações da natureza, e a produção das tintas para fazer as pinturas.

No meu trabalho complementarei o deles descrevendo e comparando a simbologia e diversidade dessas pinturas Pataxó encontradas nas pinturas corporais e objetos artesanais, de algumas aldeias do território Barra Velha. Citarei também os suportes utilizados para os desenhos dos grafismos. Além disso, como estou em uma habilitação matemática, nos catálogos de fotos onde destacarei as pinturas vou também citar algumas formas e ideias matemáticas percebidas nessas pinturas.

A minha formação no FIEI contribuiu bastante para o meu conhecimento acadêmico e assim acredito que tive mais facilidade para lidar com essas diferentes questões. A oportunidade de desenvolver um projeto de pesquisa nessa formação vai ser de grande importância por ser um tema que coloca em evidência a cultura Pataxó e também se propõe contribuir para a produção de material pedagógico para pesquisas nas escolas indígenas.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Apresentar uma proposta que possa contribuir para a valorização da diversidade dos grafismos e para a compreensão do quanto eles são importantes para o fortalecimento cultural da etnia Pataxó.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever e comparar a diversidade dos grafismos encontrados nas pinturas corporais e objetos artesanais das aldeias Pataxó.
- Apresentar uma proposta de utilização do trabalho produzido para as escolas indígenas como material didático.

3. METODOLOGIA

Meu trabalho foi desenvolvido em uma abordagem de pesquisa qualitativa, com entrevistas, gravações, fotografias, observações de momentos de pintura na aldeia e consultas de livros e outros materiais bibliográficos com temática relacionada ao meu trabalho. Os entrevistados foram a liderança José Raimundo (Patxyió), Romário Fárias Niomaktxí Pataxó e Txaywã Pataxó.

José Raimundo foi escolhido por ser uma liderança e professor de cultura da aldeia que vem trabalhando, há 13 anos, no fortalecimento da cultura tanto na língua materna quanto nas tradições. Faz pinturas corporais e trabalha com a reprodução dessas pinturas nos pilares e nas paredes da escola.

O entrevistado Romário Farias Niomaktxí Pataxó é liderança, benzedeiro, mestre de pinturas corporais e professor. Ele vem contribuindo com seu trabalho na aldeia para o fortalecimento da cultura tanto na escola quanto na comunidade.

Txaywã Pataxó é um artesão que confecciona o cocar Pataxó na Aldeia Velha. Ele vem contribuindo com essa prática em confeccionar o cocar em todo o território Pataxó e fortalecendo a nossa autoafirmação.

Além das entrevistas, observei e registrei também alguns trabalhos por eles realizados na escola com as pinturas corporais.

Os dados e informações assim obtidos são analisados neste trabalho para descrever e comparar a diversidade das pinturas corporais e dos objetos artesanais, e para evidenciar a importância dessas pinturas para o povo Pataxó.

4. HISTÓRIA DAS ALDEIAS PATAXÓ NA BAHIA

O povo Pataxó pertence ao tronco macro-jê e a família linguística Maxacali, como está registrado no livro “Inventário cultural Pataxó: Tradições do povo Pataxó do extremo sul da Bahia”, (POVO PATAXÓ, 2011). Este inventário relata que o povo Pataxó vive numa região desde a faixa litorânea e interior do extremo sul do estado da Bahia, nos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz de Cabrália, Prado, Itamaraju. É possível considerar que esse território que os Pataxós habitam hoje sempre tem sido objeto de confronto e de lutas desde o tempo colonial. A primeira aldeia dos Pataxó foi Bom Jardim, conhecida atualmente como aldeia mãe (Barra Velha), era um ponto de encontro com outros povos como, por exemplo, os Maxacalí, que hoje habitam em Minas Gerais.

Para entender sobre a simbologia do povo Pataxó em suas Notxonatxá (Pinturas) precisamos saber um pouco da sua origem. Nosso Deus é TXOPÂY. Segundo o livro “Inventario Cultural Pataxó”, já citado, Txopây é nosso Deus guerreiro que desceu à terra, e ensinou seu povo a sobreviver caçando, pescando, plantando e colhendo. Ensinou a época para cada atividade de acordo com as diferentes fases da lua tal como nossos velhos nos ensinaram.

O povo pataxó era nômade e vivia livremente no litoral do extremo sul da Bahia hoje conhecido como a região de Canavieira a Belmonte. A origem da palavra Pataxó veio do movimento das pedras no mar na aldeia mãe, que era o ponto principal dos encontros dos Pataxó e morada de alguns. Voltando à origem da palavra “Pataxó”, diz-se que certo dia um grupo de índios estava pescando quando ouviu o som das águas do mar, batendo nas pedras. O primeiro encontro da água com a rocha fazia “PA”, as águas subiam e, ao descer, batiam novamente nas pedras fazendo “TA”, e ao retornarem para o mar faziam “XO”. A partir desse momento, aquele grupo nômade que vivia livremente no litoral ficou conhecido como o povo “PATAXÓ” (Inventario cultural Pataxó: Tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia, p.12).

Tempos se passaram e, em 1951, aconteceu um grande massacre na aldeia Barra Velha. Em uma madrugada, policiais chegaram atirando e houve trocas de tiros entre os policiais de Porto Seguro e Prado que pensavam que os tiros vinham dos indígenas e, neste tiroteio, morreram muitos indígenas e policiais. Quando os policiais

perceberam que não eram os indígenas que estavam atirando juntaram suas forças para atacar a aldeia e com isso foram muitos de nossos parentes massacrados. Enquanto isso acontecia na aldeia mãe muitos de nossos indígenas buscavam se esconder e fugir desse massacre. Muitos de nossos parentes se refugiaram nas matas, outras pessoas que moravam próximo esconderam nas matas por muitos dias comendo carne crua, não podiam fazer fogo, mataram os cachorros para não dar pista para os policiais.

A minha vó Noêmia Braz conta que se escondeu sozinha dentro de um oco de pau na mata e quando tudo ficou um pouco calmo ela procurou ajuda e teve um casal de não indígenas que a escondeu debaixo da cama para os policiais não a matarem.

Isso não é nem a metade do resumo do que aconteceu com meu povo Pataxó; muitas mulheres foram estupradas e muitas violências aconteceram chegando a muitas mortes. Depois que tudo se acalmou alguns voltaram para a aldeia mãe, mas outras famílias saíram migrando para ver se encontravam outros lugares para morar, todos estavam com medo do que havia acontecido, e foi a partir daí que o povo Pataxó começou a se espalhar e fundar novas aldeias. Hoje encontramos aproximadamente 19 aldeias no município de Porto Seguro BA, 7 aldeias em Santa Cruz de Cabrália, 12 aldeias em Prado- BA e 1 aldeia em Itamaraju- BA. Minha aldeia está no município de Porto Seguro, Bahia, Terra Indígena Barra Velha, aldeia Boca da Mata.

MAPA DAS ALDEIAS PATAXÓ

Sul da Bahia 2012



Arte: Juari Pataxó 2012

4.1 O POVO PATAXÓ DA ALDEIA BOCA DA MATA

A aldeia Boca da Mata foi fundada 23 anos depois do massacre de 51, no ano de 1974, está localizada no Território Indígena Barra Velha no município de Porto Seguro no extremo sul da Bahia. A minha aldeia fica a aproximadamente 36 km da aldeia mãe Barra Velha. Boca da Mata iniciou-se com aproximadamente 12 famílias, a Braz, a Ferreira, e a Santana, tendo um total aproximado de 05 pessoas por domicílio, sendo crianças, jovens e adultos. O meio de sobrevivência destas famílias no período das décadas de 74 a 90 concebia-se por meio da agricultura familiar de subsistência, além da caça, pesca e a temporada do extrativismo comercial da piaçava. E assim era a rotina na minha aldeia: a atividade das mulheres era cuidar da casa e ajudar seu marido na roça, os filhos homens acompanhavam seus pais na roça as meninas ajudavam sua mãe nas atividades domésticas. Neste tempo não tinha escola e nenhum outro trabalho na aldeia. Entre os anos de 1978 a 1990, sempre na estação do verão, algumas famílias saíam da minha aldeia Boca da Mata para a aldeia Barra Velha para a produção de artesanatos. A minha avó Antônia Braz me falava que, antes, durante esse período, ela e minha tia, sempre no verão, passavam um tempo em Barra Velha produzindo artesanato para vender para os turistas que vinham para o distrito Caraíva e que esse era um meio de ganhar o “real” – R\$ – para comprar outras coisas como tecidos para fazer roupas.

Nesse período, os rituais que deixaram de ser praticados devido à opressão que aconteceu após o massacre de 51, que deixou muitas pessoas com medo, acabaram ficando adormecidos.

Entretanto, com o crescimento contínuo da comunidade surgiu a necessidade de criar uma unidade escolar, isto no ano de 1982. Essa primeira escola, feita de taipa, foi construída pela comunidade. No ano de 1990 a segunda escola foi construída pelas parceiras FUNAI e Prefeitura Municipal, era uma escola apropriada com banheiro, depósito e duas salas. No ano de 1996 com a reivindicação das lideranças conquistamos um prédio escolar que tinha todos os atributos considerados apropriados. A articulação entre as lideranças e comunidade foi fundamental neste processo de desenvolvimento da aldeia.

Atualmente na aldeia Boca da Mata temos aproximadamente 220 famílias com

uma população aproximada de 2000 pessoas, o principal meio de sobrevivência destas famílias hoje é a agricultura familiar de subsistência e da produção de artesanato de madeira. Entretanto, a produção de artesanato de madeira está diminuindo muito devido as restrições ambientais que controlam a extração de madeira em grande escala, feita principalmente por não indígenas, mas que acaba afetando também a extração pelos indígenas.

Algumas famílias praticam a atividade de artesanatos de sementes, fibras, mas é para o seu próprio uso e para troca entre parentes da aldeia. Além disso, com o crescimento da população surgiram novas demandas nas áreas da educação e da saúde na aldeia, e novos postos de trabalho foram criados. Hoje, há algumas pessoas atuando nessas áreas como servidores públicos.

Hoje não é como antigamente, a rotina mudou totalmente, as crianças e os jovens vão para a escola e no período em que não estão na escola estão acompanhando seus pais nos trabalhos do cotidiano como na agricultura familiar, e produção de artesanatos de madeira bruta.

Os rituais na minha aldeia hoje são bem frequentes. Todo final de semana tem ritual sagrado: preparação do corpo, cura, fortalecimento espiritual, proteção para a aldeia etc. Nesses rituais vestimos nossos trajes e adereços, nos pintamos como nossa segunda pele que é a pintura corporal, colocamos nosso cocar e cantamos nosso canto sagrado.

Na aldeia temos uma festa cultural em que a importância da pintura corporal se torna bem visível, é na semana cultural de abril, que acontece uma vez por ano. Nessa semana refletimos sobre os anos de resistência e também comemoramos. As crianças, jovens, adultos se pintam, usam suas vestimentas tradicionais e praticamos os jogos tradicionais com muita comida e bebidas da nossa tradição. Outro momento em que as pinturas aparecem na aldeia é nas formaturas na escola momento de conclusão de grau escolar.

Assim como acontece em outras aldeias, como vou mostrar a seguir, na minha aldeia as pinturas corporais também estão sendo reproduzidas nos artesanatos, nas vestimentas, na decoração das casas, nos utensílios do nosso dia a dia.

5. PINTURAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA O POVO PATAXÓ

Neste ponto é importante explicar o uso que se faz neste trabalho das palavras **grafismos** e **pinturas** uma vez que existe grande controvérsia sobre essa questão na literatura. Segundo Vidal (2000) em seu livro “Grafismo Indígena”, por exemplo, o termo grafismos foi usado pelo homem ocidental para se referir à arte dos povos indígenas, no sentido de a considerar como mais simples ou menor.

Como já dito antes, meu primeiro contato com a palavra **grafismos** foi por meio de um livro que a professora de arte indígena nos apresentou na escola. No decorrer da minha pesquisa tive contato com outros trabalhos e percebi que cada autor usava esses termos sem explicar claramente se faziam ou não alguma diferenciação entre eles. Passei então a usá-los indistintamente. Entretanto parece ser possível fazer uma pequena distinção entre eles uma vez que a palavra **pintura**, principalmente no contexto das pinturas corporais, vem sempre

Carregada de um significado cultural, ela não é um simples conjunto de traços, e no contexto dos artesanatos e outros utensílios a palavra **grafismos** torna-se mais frequente e aparenta não ter um significado tão marcante na cultura Pataxó. Apesar disso, as duas palavras serão usadas neste trabalho como se não existisse diferenciação dos seus significados.

5.1 A PINTURA CORPORAL PATAXÓ

Existe uma diversidade de pinturas entre os povos indígenas. Nelas encontramos grande variedade de traços representados no corpo que são usados no dia a dia e também em rituais, cerimônias, festividades. Para nós Pataxós as pinturas corporais não são apenas traços para representar no corpo fisicamente ou embelezar o que está sendo pintado, isso vai muito mais além, eles carregam uma força e energia espiritual dos seres da natureza e muitas vezes do mundo sobrenatural.

Os Pataxós por muito tempo foram impedidos de usar suas pinturas, de uma forma agressivamente violenta pelo estado, após o massacre de 1951. Como os Pataxó sempre foram guerreiros, mesmo com essa opressão, eles nunca deixaram de usar os traços das pinturas corporais que sempre definiram o povo Pataxó. Anos se passaram e nós, Pataxó, sentimos necessidade de usar nossas pinturas corporais para ir em busca de nossos direitos em Brasília porque a pintura é para nós uma arma que nos dá força, protege e a partir daí a nossa luta é contínua.

Antigamente as pinturas Pataxó eram feitas com os dedos, sem utilizar as taliscas de coco e nem pinceis feitos de cipó. Não havia uma forma determinada para as pinturas e nem um uso padrão para a etnia Pataxó, porém com o passar do tempo isso sofreu uma modificação até porque a cultura ela não é estática está sempre em transformação. Hoje, o povo Pataxó tem sua pintura padrão para as aldeias, mas mesmo com essa padronização a diversidade de pinturas que encontramos nas aldeias é muito grande, isso é bom porque assim o nosso traço vem sendo afirmado.

Nesse período de transformação surgiram novas pinturas corporais com formas e significados diferentes, resultantes da inspiração, observação da mãe natureza e de encontros indígenas com outros parentes de outras aldeias Pataxó. Muitos parentes tem o dom de sonhar as notxonatxá (as pinturas) e esses sonhos servem de inspiração para novas pinturas.

Muitas pinturas corporais são também inspiradas nos elementos da natureza como a pintura do besouro, borboleta, onça, peixe, folhas, arvores, entre outros seres que existem na natureza.

“A minha inspiração ééé, tem momento que vem através de sonhos, tem

momento que vem ééé...porque assim é o ser indígena, óo o índio ele é um ser observador da natureza então ele em todo canto em que ele vai, tá caminhando né no meio da natureza ele vai tá é prestando atenção então ali, dali aonde que sai inspiração pra as pinturas. ” (NIOMAKTI PATAXÓ, 2017)

Com esse avanço das pinturas nas aldeias o povo Pataxó hoje utiliza a talisca da palha do coco ou pincel feito de cipó ou de outra madeira. Eu faço de bambu fino para a pintura sair mais detalhada, com isso aumentou o detalhamento nas pinturas.

O Pataxó teve o corpo humano como primeiro suporte para as suas pinturas corporais, só depois passou a utilizar frequentemente outros suportes. Para essas pinturas são utilizados materiais que são extraídos da natureza como mikaré, kanuru, tap’oke, eató e txiãgá, ou seja, jenipapo, urucum, carvão, barro vermelho e barro branco. Hoje o jenipapo e o urucum são usados, por exemplo, quando se pratica o ritual do Awê, nas festas tradicionais e lutas. Muitos traços das pinturas corporais pataxó são feitos com a cor preta do jenipapo, depois preenchidos com o vermelho vivo do urucum ou com as cores de barro amarela, branca ou vermelha. Utilizamos o barro e o carvão umedecido em um tijolo, pedra ou madeira, e aplicamos com pincel feito de cipó.

A pintura corporal é um bem cultural de grande valor para os Pataxó. Ela apresenta parte da nossa história, sentimentos do cotidiano, os bens e o sagrado. (Santana e Guimarães, 2016)

Uma pintura corporal não pode ser feita de qualquer maneira, existe toda uma definição e significado para cada pintura corporal Pataxó feita no rosto, braços, costas, peitoral e pernas.

Pinturas do rosto e braço de Mulher (casada/solteira) e Homem (casado/ solteiro)



Foto 1: Festividade tradicional Pataxó Boca da Mata- Porto Seguro- BA. Foto de Adriele Braz Pataxó.
Pintura do rosto de mulher solteira.



Foto 2: Festividade tradicional na aldeia Boca da Mata. Foto de Adriele Braz 2017. Pintura do rosto de uma mulher solteira.



Foto 3: Festival nacional de Indígenas em Bertioga-SP – Fotografo não identificado 2014. Pintura do rosto de mulher solteira.



Foto 4: Pintura do braço feminino de mulher solteira. Foto de Txonanguí Pataxó

Nas pinturas femininas das mulheres solteiras podemos encontrar mais diversidade de traços e cores no rosto, onde as pinturas têm mais destaque. Isso vem com uma representatividade de que a mulher é solteira e também para chamar a atenção do sexo oposto, por isso há mais traços com detalhes nas pinturas das mulheres solteiras, como mostro na Foto 3, em que aparecem vários triângulos. Nas pinturas de mulheres solteiras encontram-se sempre duas flechinhas com uma linha pequena dentro da flecha, uma em cada lado do rosto e diversas formas de traços detalhados, como na Foto 1, que é uma pintura bem utilizada por mulheres solteiras. As linhas pretas, uma na direção dos olhos e a outra abaixo paralela a ela, servem para delimitar o preenchimento do urucum.



Foto 5: Colação de grau na UFMG-FIEI 2016, Turma da LAL. Foto de Cleide Santana 2016. Pintura de rosto de uma mulher casada.



Foto 6: Foto de Yomaní Pataxó, Barra Velha. Pintura de rosto de uma mulher casada.



Foto 7: Pintura corporal do braço de mulher casada. Foto de txonanguí Pataxó.

Nas pinturas das mulheres casadas podemos encontrar mais traços de linhas paralelas e com menos detalhes para não chamar atenção do sexo oposto uma vez que ela já tem compromisso, mas em alguns momentos de cerimônias e festividades tradicionais encontram-se algumas mulheres casadas que gostam de pinturas no rosto bem chamativas.



Foto 8: Colação de grau na UFMG-FIEI 2016, Turma da LAL. Foto de João Rodolfo Pinheiro 2016. Pintura de rosto de homem casado.

Mulher casada

Homem casado

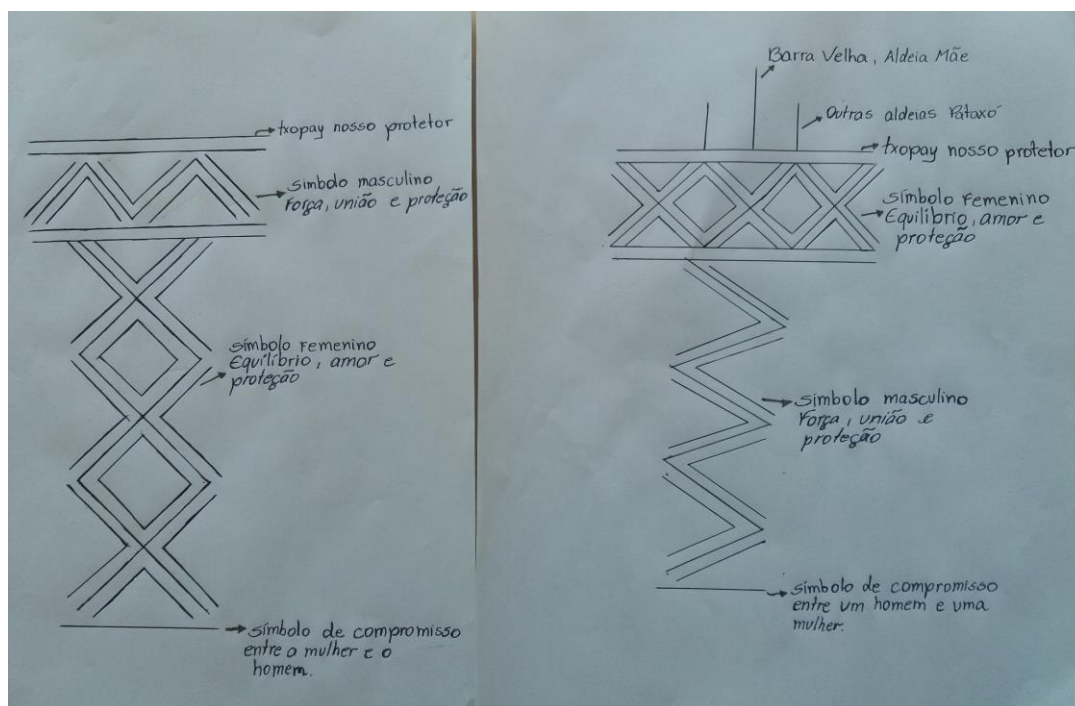


Foto 9: pintura corporal do Braço da jokana e kakusu com compromisso. Foto de suyhê Pataxó



Foto 10: Pintura corporal do braço de homem casado.

A pintura masculina de homem casado sempre vem representada com duas linhas paralelas, no rosto, como está na Foto 8. Além das outras partes do corpo masculino que levam pinturas dos elementos da natureza, isso mostra que a simbologia das duas linhas paralelas no rosto representa a união de um casal, ou seja, o homem é casado ou tem compromisso. Sendo assim a pintura masculina pode apresentar também outras diversidades de traços, como a pintura corporal do braço com os três traços próximos ao ombro que representam a aldeia mãe (traço maior) e as aldeias vizinhas. Só não podem faltar as duas linhas paralelas no rosto como na Foto 8, e a linha no final da pintura do braço, próxima ao punho, como na Foto 10.



Foto 11: Pintura corporal de homem solteiro. Foto de Txonangui Pataxó.



Foto 12: Pintura de rosto de homem solteiro. Fotógrafo não identificado.

Nas pinturas masculinas de homem solteiro podemos encontrar mais traços detalhados com mais cores presentes, isso para chamar atenção do sexo oposto, como apresento na Foto 12.

A diferenciação entre a pintura do braço de homem casado e homem solteiro é o traço da pintura próximo ao pulso, que só tem no homem casado. O mesmo acontece com a pintura do braço da mulher casada. A pintura do braço do homem e da mulher tem bastantes semelhanças, porém não são iguais, as posições dos traços mudam entre o homem e a mulher um complementa o outro (ver foto 9), e na pintura do braço feminino não carregam as barras que simbolizam a aldeia Mãe e outras aldeias, isto só tem na pintura dos braços masculinos.

Outras pinturas corporais Homem/Mulher



Foto 13: Pintura corporal do Besouro usada por ambos os sexos. Colação de grau na escola de Boca da Mata – fotografia de Ektanay Santana 2016.

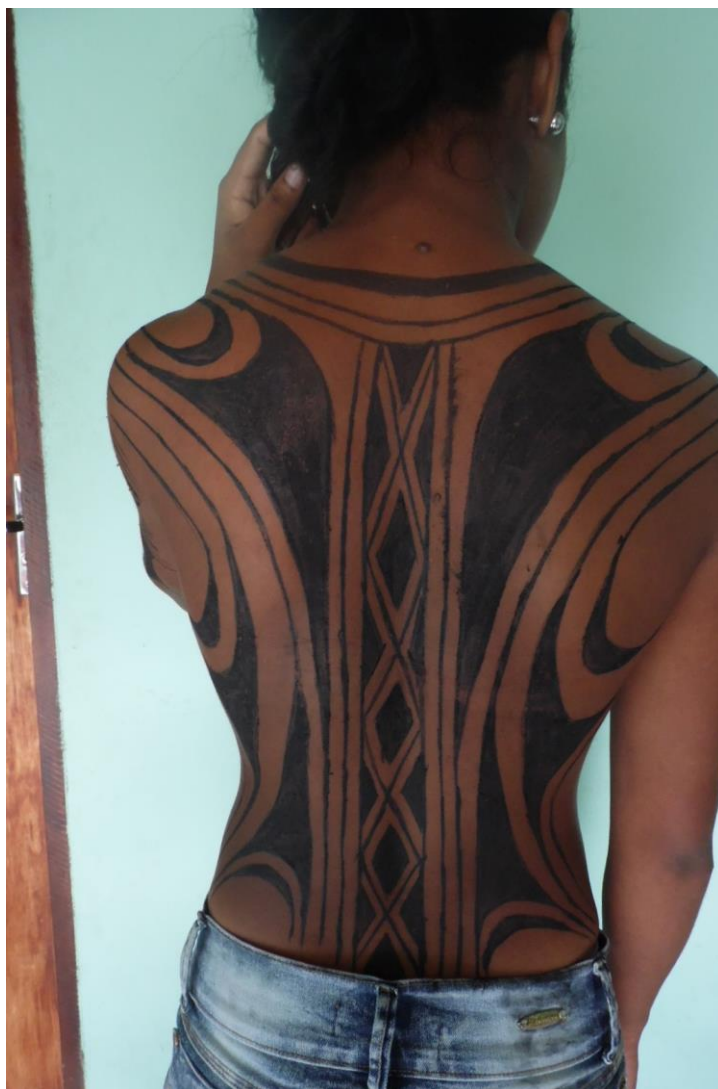


Foto 14: Pintura corporal do Besouro ambos sexos usam está pintura, colação de grau na escola de Boca da Mata – fotografia de Ektanay Santana 2016.



Foto 15: Pintura corporal borboleta nas costas de Suyhê Pataxó. Colação de grau na aldeia Boca da Mata, 2016 – Fotografo não identificado.



Foto 16: Pintura feminina da arvore. Foto de Suyhê pataxó 2018.

Nas pinturas corporais como costa, peitoral como mostrado nas fotos acima vêm representados de elementos da natureza, a Foto 13 é uma pintura do besouro, essa pintura na minha aldeia é utilizada por homens e mulheres nas costas. A pintura do besouro carrega um significado muito forte para nós Pataxó uma simbologia de guerreiro

porque o besouro tem uma casca dura e isso faz com que ele seja um guerreiro quando é atacado por seu adversário ele não foge, mesmo sabendo que o seu adversário seja mais forte o besouro continua brigando, por isso que nós Pataxó usamos a pintura do besouro e acreditamos que o espírito do besouro está conosco em todos os momentos.

Sobre as pinturas corporais de costas e frente se usam bastante pinturas que carregam o significado dos elementos da natureza como havia dito neste capítulo como a do besouro que já expliquei, temos também a da árvore que para nós Pataxó carrega o significado do símbolo da vida, e da hamugãy (onça) representa para nós Pataxó a protetora da mãe natureza contra os Não indígena, a hãmugãy simbolizar a força, a caça e de camuflagem na mãe natureza, a pintura da hãmugãy é bastante utilizada por homens em momentos de festividades na aldeia. A pintura da borboleta tem um grande papel principalmente na vida das mulheres na aldeia, que estão em buscar de um companheiro é um símbolo de beleza que representa tudo o que a de bonito.

Então esse símbolo Pataxó aqui que é nosso né.... Que é falado pintura do besouro aqui da aldeia Boca da Mata vemos assim porque esse serrador é um besouro que não foge entendeu, ele parte pra cima mesmo sabendo que ele não ele.... Pode acontecer que oo.... oponente dele lá, seja mais forte do que ele, mas ele não corre entendeu, ele vai morrer brigando ali, então quando nós tamo também tipo o espírito do besouro que é....luta mesmo não desistir entendeu, então tá o símbolo. E tem o da árvore vamo coloca aqui também o da árvore que eu peguei né.... Então essa é uma pintura da árvore né, que ela também representando pra gente já o símbolo da vida né, pra gente né, a árvore significa pra gente isso aí...então aqui esses dois lados do besouro força desse besouro e a coragem dele, e árvore que representa pra gente a vida né, no caso que árvore tem esse, esse papel em nossa vida.... (Entrevista com Niomaktxi Pataxó, julho 2017)

Nas minhas observações na aldeia e até mesmo diariamente em casa, eu faço algumas pinturas corporais e ali a ideia muitas vezes vai fluindo para uma pintura diferente. Eu não sei muito bem fazer pinturas corporais, mas sempre estou inovando, e quando estou me pintando utilizo traços das pinturas Pataxó.

A seguir relato uma experiência que aconteceu na casa dos meus pais e me mostrou que as crianças desde muito cedo prestam atenção nas pinturas corporais e se interessam por reproduzi-las, o que sugere que as pinturas podem ser apresentadas na escola desde os primeiros anos.

Tenho uma irmã de 4 anos, o nome dela é Arissana, e de tanto ela me observar a

pintar certo dia fez igual a mim, pegou no mato umas taliscas da palha do coco e começou a se pintar fazendo traços no rosto dela. Ali ela estava querendo fazer uma pintura, só que não saiu igual a minha pintura, mas conseguiu fazer traços curvados como uma onda que ficaram mariscados porque ela fez uns pingos pequenos como as manchas da onça. Ela me perguntou se estava bom, ou seja, bonito para ela, eu apenas concordei que estava bonito.

Outra experiência que aconteceu foi com meu sobrinho Kuahy, de 2 aninhos, mas a observação dele já fez ele perceber a cultura indígena em volta dele. Isso é bom, faz parte da cultura. Aconteceu assim, ele foi no pé de um urucum baixo da casa da minha avó e pegou um urucum, abriu e começou a pintar o rosto utilizando os dedos e disse assim “eu sou o índio guerreiro” e cantou um pedaço da música “sou índio guerreiro de Boca da Mata” e também esse outro pedaço “pataxó awê, awê...” Isso me fez refletir o quanto é importante nós indígenas incentivarmos nossas crianças e adolescentes a perceber a importância da cultura e o fortalecimento da identidade indígena.

5.2 AS PINTURAS PATAXÓ EM OUTROS OBJETOS

Como havia escrito no capítulo anterior após o massacre dos Pataxó do extremo sul da Bahia as pinturas corporais passaram a ser mais reproduzidas nos artesanatos como suportes. Logo após a opressão os Pataxó não usavam mais as pinturas no corpo e por muito tempo foi assim, mas os repressores não poderiam impedir que fizessem suas pinturas nos objetos artesanais. Mas como dizem os parentes Pataxó nós indígenas conhecemos bem os recursos naturais, o homem branco já não tem esse conhecimento e, aparentemente, não perceberam que os traços das pinturas corporais Pataxó estavam sendo reproduzidas nos seus artesanatos do dia a dia. Em conversa informal com Patxyó, 2016, ele explica que foi assim que, por um longo período, apesar de não podermos usar a pintura no corpo, os traços, a simbologia e a cultura Pataxó permaneceram vivos durante esse tempo.

Cada povo indígena tem sua especificidade na forma de representar a arte nas pinturas, e nós Pataxó, a representamos em nosso corpo, nos artesanatos, adereços e vestimentas, além dos trançados nas cestarias, peneiras, abanos, flechas, lanças dentre outros objetos e utensílios.

Atualmente a reprodução das pinturas corporais nos artesanatos está bem visível. Homens e mulheres trabalham com a produção de artesanatos, mas as mulheres Pataxó tem uma facilidade incrível de reproduzir as pinturas corporais nos colares de sementes. Já o trabalho dos homens é na lança, arco, tacape, cocar etc.

Em muitas aldeias Pataxó essa atividade da produção do artesanato é bem frequente, devido essa atividade gerar uma renda de complemento do mês de algumas famílias. Isto acontece mais em aldeias litorâneas onde o turismo é uma fonte de renda na aldeia.

Os artesãos Pataxó, ao reproduzir a pintura corporal nos artesanatos, não fazem uma simples cópia, selecionam partes dessas pinturas corporais e as reproduzem nos artesanatos como uma forma de os embelezar e os caracterizar como uma produção Pataxó.

Grafismos presentes em artesanatos de sementes, de madeira e em fibra



Foto 17: Colar feminino de sementes feito por Kuyuba Pataxó, aldeia Barra Velha, usado em vários momentos do dia a dia e festividades da aldeia. Foto de Yomani pataxó aldeia Barra Velha.



Foto 18: Colares femininos de sementes feitos por Kuyuba Pataxó, aldeia Barra Velha. Foto de Yomani pataxó aldeia Barra Velha.



Foto 19: Adereço Pataxó: colar de semente utilizado em momentos de rituais, festividades e lutas. Produzido pela artesã Kuyuba Pataxó da aldeia Barra Velha.



Foto 20: Colar de sementes feito por Kuyuba Pataxó aldeia Barra Velha, usado por ambos os sexos em rituais, festividades e lutas. Foto de Yomaní pataxó aldeia Barra Velha.



Foto 21: Adereço Pataxó: cinto de sementes utilizado em momentos de rituais, festividades e lutas. Produzido pela artesã Kuyuba Pataxó da aldeia Barra Velha.



Foto 22: Colação de grau na UFMG-FIEI 2016, Turma da LAL. O cinto de sementes e os braceletes foram feitos pela artesã Kuyuba Pataxó aldeia Barra Velha. Foto de Joao Rodolfo Pinheiro.



Foto 23: Pinturas corporais reproduzidas em tecidos usados na decoração da escola da aldeia Boca da Mata. São pinturas corporais que carregam o significado dos elementos da natureza. –Foto de Suyhê Braz 2016.



Foto 24: Yomaní Pataxó com vestido com a reprodução da pintura do besouro. Fotografo não identificado.



Foto 25: Camisa com grafismo Pataxó. Foto de Suyê Pataxó



Foto 26: Pintura corporal do braço do homem reproduzida na parede da escola. Foto de Suyê.



Foto 27: Cocar Pataxó de Txaywã e de seu filho. Foto de Lua.

Nas fotografias dos artesanatos com sementes pode-se perceber a presença constante de grafismos que também estão presentes nas pinturas corporais. Por exemplo, no cinto da Foto 22 aparece uma sequência de losangos e triângulos que também aparecem em várias pinturas corporais, como as das Fotos 14 e 7.

No caso dos colares de sementes permanece uma diferenciação na forma de alguns colares que é diferente para os gêneros masculino e feminino, tal como no caso das pinturas corporais. Por exemplo, o formato do colar da Foto 20, que é de preferência dos homens, difere do formato dos colares das mulheres usados no cotidiano e em festividades tradicionais (Fotos 17 e 18). Os homens não usam colares como esses das Fotos 17 e 18, esses são apenas para mulheres e nem sempre eles vêm carregando os

traços das pinturas corporais.

Já os colares das Fotos 19 e 20 são usados por ambos os sexos, em momentos de rituais, festividades e momentos de lutas. Observe a Foto 19 do colar de sementes que vem reproduzindo os traços da pintura do braço de ambos sexos, como nas Fotos 9. Porém, existem outros tipos de colar desse mesmo modelo, feitos de sementes, que não carregam os grafismos mostrados nas Fotos 19 e 20.

Nos outros artesanatos com suporte de madeira e fibras não é feita nenhuma diferenciação relativa ao gênero. Observe na Foto 23 uma cortina de tecido onde foram reproduzidas algumas pinturas corporais com elementos da natureza, como a do besouro, de folhas de plantas como a da samambaia e a pintura do cocar entre elas. Em outra foto (Foto 25) vemos uma camisa com pinturas, que pode ser usada por ambos os sexos.

Durante o meu trabalho de pesquisa fui percebendo que o símbolo do X, na sua composição de losangos, aparecia frequentemente nas pinturas tanto corporais quanto nos artesanatos. Tal como Txaywã Pataxó explicou esse símbolo do X tem origem na palavra Pataxó, como pode ser observado na Foto 27.

É o cocar Pataxó é.... ele tem uma característica né, que essa característica ela tá no....na composição das penas e também é....na....na parte da tiara né, que é usado né....que uma da parte do cocar né....então é no, nesse, nessa tiara o bordado nela tem o formato de um X né que representa o X né, o povo Pataxó da palavra pataxó. (Entrevista Txaywã Pataxó, 2016).

Através da reprodução das pinturas corporais nos objetos artesanais foi possível que entre nós Pataxó permanecesse “A valorização a nossa identidade étnica e também nossas pinturas corporais, na revitalização e fortalecimento da língua Patxohã, que há muito tempo fomos forçados e proibidos de falar.” (P.13 ,2 Santana e Guimarães).

As cores presentes nas pinturas reproduzidas nos objetos artesanais dão visibilidade aos traços e ressaltam a sua estética para que não passem despercebidos. Assim, cada cor é usada de sua forma especial nos tecidos, nos adereços de rituais, ou em outros objetos e utensílios. As cores que dão visibilidade a essas pinturas reproduzidas nos artesanatos são cores industrializadas, o uso destas tintas é devido a que algumas dessas cores naturais que antigamente eram extraídas da natureza hoje já não se encontram mais na reserva, e para a preservação hoje optamos por colorir com cores industrializadas.

Hoje também em algumas aldeias Pataxó especificamente Barra Velha e Boca da Mata algumas famílias produzem artesanatos feitos de miçangas. O uso de miçangas é uma alternativa usada atualmente para substituir as sementes, em alguns casos, devido a que determinadas sementes já se encontram em falta e, por outro lado, as miçangas tem maior durabilidade.

A reprodução das pinturas corporais e outros grafismos nos objetos artesanais carrega uma autoafirmação do povo e cultura Pataxó. Por isso, o artesão Pataxó dá o melhor de si para mostrar o que esses grafismos representam em termos da afirmação do seu artesanato como sendo um artesanato Pataxó e da sua importância para delimitar o território Pataxó. Desse modo, espera-se garantir maior consciência da necessidade de apoio dos organismos governamentais para a preservação dos nossos recursos naturais.

Conclusão

No decorrer do desenvolvimento da minha pesquisa sobre as pinturas corporais e as pinturas nos artesanatos Pataxó verifica-se que a reprodução das pinturas corporais nos artesanatos vem sendo praticada há muito tempo pelo nosso povo, só que isto não era tão visível como atualmente nas aldeias. Durante a opressão os Pataxó passaram a reproduzir suas pinturas apenas no trançado dos cestos, nas peneiras, abanos, arco e flecha, utilizando as tintas e as cores da natureza.

Tal como as pinturas corporais, as pinturas nos artesanatos também são de suma importância para afirmação da cultura do povo Pataxó. Hoje o povo Pataxó reconhece a relevância tanto das pinturas corporais como das pinturas reproduzidas nos artesanatos como uma forma de identificação cultural.

Então, sobre as diferenças entre os traços das pinturas corporais e os grafismos dos artesanatos, verificamos que existem artesanatos que levam detalhes da pintura corporal feminina e masculina. Porém não é feita uma simples reprodução, copiada, colada, já passa a ser uma outra pintura, inspirada naquela primeira pintura corporal. Isso ocorre principalmente nos artesanatos de adereços de sementes, mas encontramos também em vestimentas e nas paredes e pilares das casas.

Quando as pinturas são reproduzidas em outros suportes elas nem sempre levam a questão de gênero, simplesmente são feitas não considerando como importante se é pintura masculina ou feminina.

Por exemplo, como vimos, a pintura do braço feminino quando ela está sendo reproduzida no colar de semente, tanto o homem como mulher podem usar, não tem uma regra de uso quando as pinturas são reproduzidas nos colares, mas naquele colar vai estar um símbolo do povo pataxó para identificação daquele artesanato. O formato de alguns colares é que vai indicar se é homem ou mulher que deve usar.

Hoje, a reprodução dessas pinturas acontece no dia a dia das aldeias Pataxó utilizando como suportes os artesanatos como o colar, o cocar, tacape, arcos maracá, tecidos e casas. Para cada item existe um tipo de material, como sementes, fibras, madeiras, palmeiras, penas etc. Para colorir esses artesanatos não utilizamos tintas extraídas da natureza, como fazemos para as pinturas corporais como o jenipapo e o

urucum, porque estes estão ficando cada vez mais escassos. As cores que destacam as pinturas corporais reproduzidas nos artesanatos são cores artificiais.

De acordo com minhas observações e entrevistas com os parentes da aldeia, ao falar das pinturas corporais que são inspiradas nos elementos da natureza, percebe-se que elas carregam uma simbologia que perpassa na comunicação não-verbal entre os Pataxó, e isso faz parte da cultura indígena.

Nessas conversas não identificamos nenhuma referência com relação à matemática, mesmo pelos mestres em pinturas que estudaram a matemática formal escolar. Apesar de os mestres em pinturas corporais indígenas não informarem nenhuma relação matemática presente nessas pinturas, como uma licencianda em matemática, consigo perceber algumas dessas relações. Podem-se identificar nas pinturas corporais algumas formas geométricas nelas envolvidas, como linhas paralelas, linhas cruzadas, triângulos, losangos, simetria nas pinturas, frisos de reprodução de algumas dessas formas. Além disso, no momento de pintar, percebe-se a necessidade de uma atenção especial para aspectos que envolvem medição e proporção.

Nos frisos, os mesmos elementos gráficos (por exemplo, os losangos ou os X e o V), se repetem paralelamente a si mesmos. A simetria está presente nas pinturas corporais quando a mesma pintura aparece igual em ambos os lados do corpo partindo de uma linha reta que o divide ao meio, como uma reflexão da pintura, como na pintura do besouro e da borboleta.

Para fazer a pintura corporal, seja a pintura Pataxó ou de outra etnia, o mestre que pinta o corpo não utiliza nenhum instrumento de medida para pintar, mas ele dá atenção às medidas e proporções que devem ser respeitadas.

Acredito na utilização desse trabalho como material didático para a escola, como uma fonte de pesquisa para professores indígenas e não indígenas. Meu objetivo com este trabalho é contribuir para a valorização da diversidade das pinturas corporais e dos artesanatos e para a compreensão do quanto são importantes para o fortalecimento cultural do nosso povo. O professor de cultura da minha aldeia sempre diz que ele precisa de ajuda em relação ao fortalecimento cultural e sempre ressalta que devemos trabalhar mais no contexto escolar.

No começo tive um pouco de dificuldade para pensar como levar as pinturas para

a sala de aula. Nos três últimos anos fiquei pensando e pesquisando na escola, e descobri uma fonte importante de pesquisa no projeto político Pedagógico (PPP), que encontrei na disciplina de Patxohã, onde se fala sobre as pinturas corporais, e também nas disciplinas de artes e diversidade afrodescendente e indígena.

A experiência de estágio lecionando em sala de aula nesse último ano de 2017, em que trabalhei as formas geométricas planas encontradas nas pinturas corporais e as medidas de comprimento tradicionais do Pataxó, e em que procurei fazer uma relação entre o conhecimento tradicional e ocidental, foi prazerosa tanto para mim, como professora, quanto para os alunos.

Portanto a minha ideia é levar este catalogo de fotos das pinturas Pataxó para ser utilizado na sala de aula, e fora da sala de aula, buscando o fortalecimento cultural dos nossos saberes tradicionais.

➤ REFERÊNCIAS:

- CONCEIÇÃO, Graziane Andrade; NASCIMENTO, Thiago Braz. “Pintura Corporal Pataxó de Barra Velha”. Trabalho de conclusão de percurso acadêmico apresentado à universidade Federal de Minas Gerais, com requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Línguas, Artes e literatura/ LAL, Formação Intercultural de Educadores Indígenas FIEI/FAE/UFMG.2016.
- FERREIRA, Mariana Kawall Leal (organizadora). Ideias Matemáticas de Povos Culturalmente Distintos: Antropologia e Educação. São Paulo: Global Editora, MARI, FAPESP, 2002.
- CARVALHO, Ricardo Artur Pereira. Grafismo Indígena: Compreendendo a representação abstrata na pintura corporal Asurini. Projeto de conclusão de curso em Desenho Industrial Visual.
- LOPES, Maria Laura; NASSER, Lilian (organizadoras). GEOMETRIA: na era da imagem e do movimento. Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.
- SANTANA, Sebastiana Ponçada; GUIMARÃES, Heron Santana. “MOYTÂXÖ’AWÃY: Pintura Corporal e Identidade Pataxó”. Trabalho de conclusão de percurso acadêmico apresentado à universidade Federal de Minas Gerais, com requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Línguas, Artes e literatura/ LAL, Formação Intercultural de Educadores Indígenas FIEI/FAE/UFMG.2016.
- Entrevistados: Niomaktxi Pataxó e Patxyó Pataxó (13/07/2017).
- Entrevista: Txaywã Pataxó, 2016.
- (13/07/2017) Arte e Corpo – documentário (Ribeiro 1986) yotube.
- VIDAL, Lux, (organizadora). Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética -2ª ed., São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2000.
- POVO PATAXÓ. Inventário cultural Pataxó: Tradições do povo Pataxó do extremo sul da Bahia. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.